

EDITORIAL

Nesta edição do Sul Rural, há dois perfis. O primeiro é fácil de identificar e está na página central: Gedeão Pereira, presidente da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), mostra o trabalho que faz na Estância Santa Maria, de Bagé, com investimentos pesados em genética e agricultura de precisão, diversificação de culturas e visão particular de mercado. Como líder sindical, compreende os problemas enfrentados pelos produtores porque, na realidade, eles também são seus.

O outro perfil está na contracapa: é o do mais jovem governador eleito no Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, que mais uma vez esteve na Farsul para discutir os planos da gestão nos próximos quatro anos. A reportagem não fala da vida pessoal do político, nem o visita em casa — deixa evidente, porém, o pensamento lúcido que este irá empregar no Palácio Piratini. Disse ele, a certa altura: o direito de propriedade não é apenas uma questão de liberdade individual, mas também fator de estímulo ao investimento privado e à geração de empregos. Com o perdão da redundância, discursos também dizem muito sobre o indivíduo.

Outra boa notícia vem de Brasília: o anúncio da deputada federal e presidente da Frente Parlamentar Agropecuária (FPA), Tereza Cristina, como ministra da Agricultura do presidente eleito, Jair Bolsonaro. Ela começa no cargo com amplo apoio do setor produtivo, que observou no empenho dela em aprovar a lei de modernização dos registros de agroquímicos uma mostra de compromisso com os interesses dos produtores rurais brasileiros. Que faça uma corajosa gestão, voltada para a redução do custo de produção brasileiro, para a ampliação do seguro agrícola, para a conquista de novos mercados, sobretudo o de países asiáticos.

Por essas e outras questões, a “virada” do ano que se aproxima parece fazer mesmo jus à expressão. As expectativas do campo são altas — talvez estejam no maior patamar dos últimos 25 anos. Porque o produtor gaúcho e brasileiro sabe bem que o agronegócio de que faz parte é um dos mais avançados do mundo, capaz de crescer na crise, ainda que não esteja imune aos nefastos efeitos dela. Imagine então com a colaboração de líderes e autoridades capazes de enxergar a importância do setor e de colocar em prática ideias ágeis e pertinentes ao seu desenvolvimento.

Mas engana-se quem pensa que essa confiança é cega. A temporada da pecuária, apesar de positiva, teve reação ainda tímida na comercialização. O arrozeiro segue apreensivo com a disparada dos gastos e das dívidas, assim como o tricultor ainda sonha com uma safra remuneradora de novo. Os problemas existem e precisam ser enfrentados com urgência. Aproveitando o ensejo da safra: sementes foram espalhadas na terra. Que cresçam na forma prometida e no clima que vier, sem nunca abandonar as raízes.

1918: guerra, gripe, carvão, carreiras

Blau Souza*

Tudo ocorre por acaso ou é determinado pelo destino, de acordo com o Mactub dos árabes? Penso nisso ao remexer em memórias antigas, que evocam outras ainda mais remotas, de pessoas que me foram muito queridas. Misturo gentes e cidades que participam na gênese de meus afetos: Lavras, São Jerônimo, doutor Crispim, o Coronel João Menino, o castelhano Orfilo e algumas inconfidências de minha sogra, a inesquecível dona Regina. Falo de coisas ocorridas cem anos atrás e que nunca acolherei como faço hoje. Início com anotação do estudante de medicina e remador Crispim Souza a falar de treinamento e piquenique pelas ilhas do Guaíba. Barco e guarnição do Tamandaré chegaram até São Jerônimo em 1913. Já em tempos de Segunda Grande Guerra, o comércio mundial sofria com o afundamento de navios mercantes. Era importante para o Brasil, contar com outro carvão mineral que não o importado da Inglaterra e a solução passava pela exploração das reservas existentes em São Jerônimo, no Rio Grande do Sul. Pelo menos em três frentes surgiram companhias que instalaram minas no Butiá, no Arroio dos Ratos e no Leão. A instalação e o funcionamento delas teve apoio decisivo do intendente de São Jerônimo, o coronel João Rodrigues de Carvalho, mais conhecido por Cel. João Menino e que administrou São Jerônimo enquanto Borges de Medeiros mandou no Estado. O apoio do município à mineração foi decisivo, diretores

das companhias eram recebidos festivamente na estância do coronel, e não por acaso, as ruas iniciais do povoamento nas Minas do Leão receberam o nome das três filhas do intendente: Anita, Lourdes e Regina. Também em 1918, o médico recém-formado, Crispim Souza voltou para sua terra e logo enfrentou o desafio da gripe espanhola. Instalou hospital improvisado nas antigas instalações de companhia inglesa, exploradora de minas de ouro. Morria muita gente pela gripe em todo o mundo e as comunidades preocupavam-se quando alguém desaparecia. Mas o castelhano Orfilo, guerreiro

Era importante para o Brasil, contar com outro carvão mineral que não o importado da Inglaterra e a solução passava pela exploração das reservas existentes em São Jerônimo, no Rio Grande do Sul. Pelo menos em três frentes surgiram companhias que instalaram minas no Butiá, no Arroio dos Ratos e no Leão.

e vaqueano da confiança de Crispim, quando intendente e nas revoluções, costumava desaparecer de quando em quando. Com sua pequena estatura e rara habilidade, Orfilo era jóquei de carreiras de cancha reta com renome em todo Estado. Naquele 1918, fora convocado para ser jóquei em carreiras, que se constituíam na principal atração das festas organizadas nas Minas do Leão para festejar a abertura de um novo e importante poço. Afinal, os cavalos puro sangue do coronel João Menino exigiam jóqueis de categoria.

Como filho do Dr. Crispim,

casado com uma filha da dona Regina e neta do coronel João Menino, acorelho notas sobre 1918, ano marcado pelo final da Segunda Grande Guerra, pela gripe espanhola e por desafios enfrentados pelo Brasil, única nação sul-americana a participar diretamente da guerra. A busca de soluções mobilizava o Estado. Além do fornecimento de carvão mineral, as charqueadas, por exemplo, foram forçadas a abandonar o sal de Cadiz e a substituí-lo por similar produzido no nordeste brasileiro. Gentes de terras remexidas em busca de ouro ou de carvão construíam vidas cheias de certezas e de quimeras. Tanto o coronel João Menino, quanto o doutor Crispim encerraram o protagonismo político ao acompanharem Borges de Medeiros em 1932, na Revolução Constitucionalista. Numa luta desigual, Borges apoiou São Paulo, tendo ao lado os antigos adversários libertadores, e enfrentando seus habituais defensores e pupilos republicanos: Getúlio Vargas, no plano federal, e Flores da Cunha no estadual. Com a derrota, Borges foi isolado em Recife; o coronel João Menino, da mesma forma que um tio e um primo meus, esteve preso por algum tempo. Lá, privado da liberdade, o coronel foi companheiro de cela de um jovem que se iniciava na política: Alberto Pasqualini. Mas essa já é outra história, impregnada de recomeços e sem jamais abandonar a esperança ou a sina de buscar novos rumos.

*Médico e escritor

EXPEDIENTE

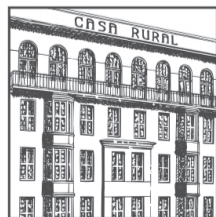
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Vice-presidente:
Elmar Konrad
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Superintendente:
Gilmar Tietböhl
Divisão Técnica:
João Augusto Telles
Divisão de Arrecadação:
Saulo Gomes
Div. Administração e Finanças:
Valmir Susin

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)
Fotos: Tiago Francisco, Emerson
Foguinho e Marco Quintana
Colaboração: Alessandra Bergmann,
Gerson Raugust e Samuel Lima
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390